

DO JARDIM À CIDADE



*Devocionais sobre a Páscoa
Do Éden à Nova Jerusalém*

Do Jardim à Cidade

Devocionais sobre a Páscoa — Do Éden à Nova Jerusalém

Equipe Graça em Flor

Ministério Graça em Flor ® 2021

Esse eBook é uma produção gratuita do ministério Graça em Flor e não pode ser reproduzido ou comercializado sem autorização do mesmo.

Introdução

Você já teve dúvidas sobre como a Bíblia pode ser um livro coeso, que faz sentido do começo ao fim? Qual a conexão entre Gênesis e Atos? Ou 2 Reis e Mateus? Será que temos em nossas mãos uma compilação de 66 livros distintos e independentes, ou há um fio condutor que os amarra de alguma forma?

Eu confesso que já tive essas dúvidas e por anos enxerguei a Bíblia como um livro confuso. Mas com o tempo eu descobri que estava me aproximando da Palavra com as lentes erradas. Deus não nos deu uma compilação aleatória de escritos e disse, “Me encontre aí... Boa sorte!”. Ele nos entregou uma belíssima coletânea que tem um mesmo tema do início ao fim: Jesus Cristo, o Messias Redentor. As temáticas da Bíblia são sempre as mesmas que se repetem e aparecem vez após vez — criação, queda, redenção, restauração. Abra Gênesis e ali elas estão. Encontre-as em Filipenses. Claras como o dia em Apocalipse.

A Páscoa é minha comemoração preferida do ano (desculpa, Natal!) porque é a celebração da promessa feita no Éden, cumprida no Calvário, e glorificada na Nova Jerusalém. Percebe o padrão? Nossa criação, nossa queda, a redenção provida pelo Cordeiro Perfeito, e a restauração de todas as coisas na Cidade de Deus.

Meu sonho, desde o início do meu ministério, era criar um material que expusesse a Bíblia do início ao fim e mostrasse claramente sua coesão. “Do Jardim à Cidade” faz isso lindamente, pela graça de Deus e sabedoria derramada por ele sobre a Equipe do Graça em Flor.

Toda honra e glória para sempre e sempre ao nosso Cordeiro Pascal, prometido no Jardim e glorificado na Cidade.

Com muito amor,

Francine Veríssimo Walsh

Líder do Ministério Graça em Flor

Índice:

PARTE I - Portas Fechadas

- Dia 1 - A Queda (Ana Carolina Caires)
- Dia 2 - A Promessa de Redenção (Carolina Pereira)
- Dia 3 - A Aliança com Abraão (Jaqueline Matias)
- Dia 4 - O Véu do Santuário (Isabella Oliveira)
- Dia 5 - A Primeira Páscoa (Carolina Pereira)
- Dia 6 - Os Profetas e os 400 Anos de Silêncio (Patrícia Guimarães)

PARTE II - A Chave

- Dia 7 - Emanuel no Cotidiano (Érica Veríssimo)
- Dia 8 - O Véu Rasgado (Patrícia Guimarães)
- Dia 9 - A Melhor Parte (Luana Lins)

PARTE III - Portas Abertas

- Dia 10 - O Rei Está no Trono (Victória Lins)
- Dia 11 - Deus em Nós (Francine Veríssimo Walsh)
- Dia 12 - A Igreja Primitiva (Jaqueline Matias)
- Dia 13- Já mas Ainda Não (Isabella Oliveira)
- Dia 14 - Em Casa, Finalmente (Victória Lins)

Capa: Bruna Oliveira

Áudios: João Veríssimo



Parte I

Portas Fechadas



Dia 1 - A Queda

Imagine comigo a vida no Éden — O sol aparece de mansinho e faz Adão e Eva despertarem. Mais uma manhã agradável se inicia com cheiro de alecrim, água fresca e flores do campo. Eles tomam um delicioso café da manhã com frutas prontas para o consumo do doce mais natural e suculento possível. Tudo é perfeitamente bom e saudável neste lugar.

Em seguida, eles partem para seus trabalhos com os animais e cuidados do jardim. Enquanto Adão se ocupa em lavrar a terra, Eva anda descalça pela grama verdinha que acompanha o rio, rumo à plantação de flores que rodeia a parte mais grandiosa do jardim: a árvore da vida.

A presença do Deus trino é tão natural que Adão e Eva andam nus (Gênesis 2:25) e se sentem livres para expressar seus pensamentos e serem exatamente quem Deus os criou para ser. Há pureza e bondade em todos os cantos, há perfeição em cada detalhe, há prazer em viver. No fim do dia, o passeio mais esperado. A conversa íntima entre Deus e criatura, oleiro e obra-prima. Enquanto o sol se põe, Adão conta de seu dia e ouve a doce voz do Pai a lhe ensinar.

E então, em mais um dia aparentemente ordinário, outro componente entra na história. Em um ato de incredulidade e rebeldia, Adão e Eva provam um fruto diferente, chamativo e de sabor amargo chamado pecado (Gênesis 3:6).

De repente, a comunhão natural se transforma em vergonha. As folhas de figueira que antes serviam para embelezar o jardim, agora servem para cobrir os corpos que se escondem e começam a morrer lentamente. É a maior perda de todas: portas fechadas à presença constante de Deus. No lugar da paz, agora o medo. O preço do conhecimento do bem e do mal foi mais alto do que imaginavam: Deus os lança fora do jardim e coloca querubins ao oriente e uma espada inflamada que anda ao redor, a fim de guardar o caminho da árvore da vida (Gênesis 3:24).

Esse é o começo lamentável da nossa história. Dois capítulos de vida abundante e um de ruína total. Adão e Eva foram os únicos que conheceram o mundo sem pecado, onde a morte não era uma possibilidade e o amanhã não era motivo de incertezas.

Por muito tempo as portas à presença de Deus permaneceram fechadas, impossibilitando a comunhão direta, profunda e prazerosa entre Criador e criatura. Mas, uma manjedoura, uma cruz e um túmulo vazio mudariam completamente tudo. Glória a Deus pela continuação da história!

Oração: Senhor, por muito pouco desviamos nosso olhar em direção ao que nos falta. Temos dificuldade em praticar o contentamento, em sentir prazer apenas em Sua presença. Olhando para trás, nosso coração geme por aquele momento em que as portas se fecharam e a humanidade passou a sentir o peso da morte física e espiritual. Ah se não fosse por Tua misericórdia, onde estaríamos nós? Pedimos que diariamente nos lembre que, mesmo perdidos em nossos pecados, completamente incapazes de chegar a Ti, Teu amor nos alcançou e reabriu as portas à Tua presença. Louvamos Teu nome porque vieste até nós, porque a morte não pode mais nos separar e porque não há mais anjos fechando o portão. Que grande amor, que compaixão, que privilégio!

Dia 2 - A Promessa de Redenção

Realmente não temos o controle de nada. Nosso Deus é quem é soberano sobre tudo, inclusive quando achamos que frustramos os Seus planos. Até o capítulo 2 do livro de Gênesis, tudo parecia bem. Estávamos dentro do plano perfeito de nosso Criador, prontos para vivermos de acordo com nossa finalidade, que era glorificar a Ele e nos alegrar nEle para sempre.

Contudo, a história parece mudar de rumo a partir do capítulo 3 e perdemos o acesso direto à presença do Senhor. Caímos. Pecamos. Morremos. Por causa da escolha infeliz de querer ser conhecedor do bem e do mal, o homem foi lançado fora do jardim do Éden pelo Senhor Deus.

Viver longe de Deus, banidos de Sua presença, parecia ser nosso destino. Ainda bem que nada depende de nós, realmente!

É notável, apesar do pecado e de suas consequências, o amor incessante de Deus. Não obstante o erro humano, a ganância, a cobiça... O Criador não nos abandonou. Muito pelo contrário, fomos alvo de misericórdia, graça e provisão. Eis a promessa:

Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (Gênesis 3:15)

A história da nossa redenção é muito mais profunda e completa do que podemos imaginar. O amor de Deus é muito maior do que podemos compreender. O descendente de Eva iria ferir — como de fato feriu — a cabeça da serpente. Jesus Cristo já nos tinha sido prometido desde o momento em que caímos e fomos alvo da morte. O Messias, descendente de mulher, viria resgatar os pecadores e trazer vida eterna, restabelecendo a comunhão que havia sido quebrada.

Era necessário que Jesus fosse crucificado — calcanhar ferido — mas, comparado

com a sua gloriosa e divina ressurreição, tal acontecimento nada mais é do que isso, um ferimento de calcanhar.

De fato, a cabeça da serpente foi esmagada e a morte não tem mais poder sobre nós. Jesus é o caminho, a verdade e a vida (João 14:6). Vencedor.

O nosso pecado foi extremamente grave. A serpente sabia que éramos fracos e facilmente enganáveis. No entanto, ainda que pecadora e fraca, Deus promete a Eva um descendente invencível.

O próprio Filho de Deus, que deve ser exaltado e louvado para todo o sempre, sempre esteve destinado a nos resgatar, a ser o caminho de volta ao Éden, onde, de fato, pertencemos.

Cristo é nosso Salvador desde o Éden. Aleluia!

Oração: Senhor Deus, obrigada pelo Seu infinito amor! Obrigada por ser soberano, piedoso, misericordioso. Obrigada por impedir que nós nos separássemos do Senhor para sempre. Obrigada pelo Descendente da mulher que venceu a morte. Rogamos-te para que tenhamos uma vida submissa, honrando o nosso Deus Elohim¹ e cumprindo nosso propósito como criaturas e filhos. Em nome de Jesus que oramos a Ti. Amém.

Dia 3 - A Aliança com Abraão

Desde o Éden, o Senhor deixou claro que queria se relacionar com Seu povo. Após a queda, estabeleceu-se uma clara divisão entre os que O obedeciam e os que pecavam contra Ele. Apesar da falibilidade humana, o Criador sempre preservou a “santa semente” – a linhagem da qual viria o Resgatador de Seus escolhidos, e o fez por meio de alianças com pessoas específicas no decorrer da história.

Em Gênesis 12 temos o chamado de Abraão. Deus o ordena que deixe sua família e vá para uma terra que saberia depois; promete fazer dele um grande povo, abençoá-lo e torná-lo uma bênção aos outros; nele seriam benditas todas as famílias da terra.

Nos capítulos seguintes a história se aprofunda. O Senhor anima o patriarca, lhe promete um filho e faz uma aliança selando a promessa: ordena que divida ao meio alguns animais e o próprio Deus passa no meio dos pedaços – esses animais mortos indicavam o potencial de maldição caso a aliança fosse quebrada. Em seguida, estabelece que o sinal do pacto é a circuncisão de todo macho nascido na casa de Abraão, simbolizando a purificação e a separação do povo da aliança: “a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua” (Gn 17.13).

Ocorre que Sara, a esposa de Abraão, era estéril. Como seria possível essa aliança dar certo? A história do casal passou por momentos de incredulidade e até um filho com uma serva o patriarca teve. Mas, não era esse o plano de Deus. A mulher, já na velhice, miraculosamente concebe e dá à luz Isaque – o filho da promessa. A partir dele o cumprimento da palavra torna-se visível e os descendentes se multiplicam.

O relacionamento de Deus com Seu povo era restrito, tanto porque Ele aparecia e se manifestava em momentos específicos, quanto porque envolvia homens falhos e pecadores que, por si só, não conseguiam sustentar o compromisso da aliança. Os séculos passaram e da linhagem abraâmica nasceu Jesus, o Prometido, o verdadeiro Filho da promessa (conforme Gl 3.16). Ele oferece o próprio corpo

e sangue como sacrifício, tomando sobre Si todas as maldições da aliança. Nele somos circuncidados: experimentamos não a purificação exterior, feita por homens, mas a do coração (Cl 2.11,12).

Em Cristo vemos Deus cumprir sua promessa. Por meio dEle a salvação foi além do povo judeu, alcançando pessoas de todas as tribos e em todos os tempos. “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos. De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão” (Gl 3.8,9).

O pai da fé viveu momentos de incredulidade, mas foi aprendendo a confiar ao longo do caminho cheio de provas. Nosso relacionamento com o Eterno só dá certo porque Ele mesmo o sustenta, trazendo-nos de volta quando nos desviamos de Sua vontade.

Deus escolheu redimir um povo para Si mesmo e o fez por meio de alianças temporárias que renunciavam uma aliança eterna. Tais pactos fortaleceram os eleitos ao longo dos séculos de espera pelo Messias, pois eram sinais da promessa, um lembrete do relacionamento estabelecido pelo Todo-Poderoso. E, ainda hoje, nos dão esperança quanto ao compromisso firmado por Cristo de que voltará para buscar o povo pelo qual foi oferecido como sacrifício e que será bem vindo eternamente na presença de Deus.

Oração: Querido Deus de Abraão, obrigada por ser também o meu Deus. Dou-Te graças por, desde os tempos eternos, ter separado para Si um povo e, por Sua graça, me permitir fazer parte dele. Te louvo porque o Senhor não pode mentir e sempre cumpre cada uma de Suas promessas. Obrigada porque Jesus veio e nos atou a Ti para sempre. Com isso eu aprendo a confiar em Seu cuidado para comigo em todas as áreas da minha vida. Graças te dou! Eu oro em Nome de Jesus, o Filho da promessa. Amém.

Dia 4 - O Véu do Santuário

Deus criou o homem com a intenção de se relacionar com ele. Nossos pais, Adão e Eva, foram criados para desfrutar da presença do Senhor. Deus queria estar com eles, queria que eles vivessem em Sua presença e estivessem contentes nela! Toda criatura foi criada para desfrutar da presença de Seu Criador. Deus não nos criou em massa e nos jogou no mundo – Ele mesmo nos formou de forma individual e colocou em nosso coração um desejo tão profundo por Sua presença, que somente ela pode nos completar, satisfazer e alegrar. Mas o que aconteceu, então?

Ao comerem do fruto proibido, Adão e Eva, levando consigo o resto da humanidade por todas as gerações futuras, foram separados da presença de Deus. Literalmente separados – uma vez criados para Sua presença, agora totalmente separados dela. Os homens poderiam orar a Deus e oferecer sacrifícios, mas o caminho até Ele ainda estava bloqueado.

Em sua bondade e misericórdia, Deus continuou a se relacionar com os homens – embora não mais por meio de sua presença – e continuou a se revelar, e escolher líderes para executar sua vontade e manifestar seu poder. Moisés, escolhido para libertar seu povo da escravidão do Egito, foi escolhido também para em muitos momentos estar com o Senhor. No Monte Sinai, Deus lhe deu ordens de construir um tabernáculo, que era um lugar onde estaria sua presença. Uma das ordens era que neste tabernáculo houvesse uma cortina, ou véu, que separasse o Lugar Santo do Santo dos Santos.

O Santo dos Santos era o lugar onde estava a arca da aliança, com querubins esculpidos sobre a arca guardando a presença de Deus – simbolizando o Éden. Era este o lugar onde Deus se revelava e falava a Moisés. No entanto, o que só Moisés podia fazer, foi também dado ao sumo sacerdote: o privilégio de entrar no Santo dos Santos, uma vez ao ano. Somente o sumo sacerdote e somente uma vez por ano – essas eram as condições para o homem estar na presença de Deus.

Muitos anos se passaram, e nos nasceu um novo Sumo Sacerdote. Este, por sua vez, era não somente o sumo sacerdote mas também ele próprio o tabernáculo encarnado. Ele era a própria presença de Deus. O próprio Deus. Jesus Cristo, o Deus-Homem, habitou entre nós e viveu uma vida que jamais poderíamos viver. Ele fez o que ninguém mais poderia fazer: Ele abriu o caminho.

Se uma vez no Éden um homem nos separou de Deus, outro Homem nos fez adentrar no Santo dos Santos eternamente. Quando Cristo bradou na cruz, o véu se rompeu de cima a baixo, declarando que a partir daquele momento nada mais nos separaria do Senhor: nem morte, nem doença, principados ou potestades. Nem cor da pele, nem ascendência. Separações por gênero, riqueza e raça foram derrubados de uma vez por todas – havia um Sumo Sacerdote eterno, glorioso e perfeito que, em sua morte de Cruz, rasgou o véu que nos separava.

Hoje podemos estar na presença de Deus porque o Filho de Deus não esteve nela por um momento. Na Cruz, o sangue de Cristo anunciou: “o caminho está livre. Venham!”.

Não mais somente um homem escolhido, não mais somente uma vez ao ano – agora todo homem e mulher, em qualquer momento, pode desfrutar da presença gloriosa de seu Criador.

O sangue derramado do Filho nos trilhou um caminho seguro ao Pai. Por Ele, e somente por Ele, podemos entrar no Santo dos Santos, com a certeza de que há para nós eternamente um Sumo Sacerdote que intercede em nosso favor. Entramos ali sem medo, culpa ou incerteza, mas com plena confiança na obra eterna e perfeita de Jesus. Louvado, adorado e celebrado seja o Cristo, que foi morto, mas ressuscitou. Digno é o Cordeiro que rasgou o véu que nos separava.

Oração: Amado Senhor, quero hoje te agradecer pelo privilégio de poder estar na Sua presença. Pela certeza que o sangue de Seu Filho nos dá de que nada mais pode nos separar de Ti, nem mesmo a morte. Agradeço, Pai amado, pelo véu que não nos separa mais e pelo Cristo que em sua morte nos abriu o caminho. Esteja eu coberta pelo sangue que abre o caminho até o Senhor, e viva com

esta certeza em meu coração: não há nada que eu possa fazer para estar com o Senhor, Cristo já fez tudo. Me ensina a confiar nesta verdade, em nome de Jesus, amém.

Dia 5 - A Primeira Páscoa

A forma como a Escritura é coesa e coerente enche nosso coração de alegria e paz, principalmente quando pensamos na Páscoa. De fato, a Páscoa é uma celebração judaica instituída por Moisés seguindo uma ordem específica do próprio Deus.

A Páscoa, no Antigo Testamento, tinha a finalidade de celebrar a passagem (daí o termo Passover em inglês) do Senhor Deus sobre o Egito, libertando o povo de Israel da escravidão.

A partir do capítulo 5 do livro de Êxodo, podemos ver o confronto entre Deus e Faraó através dos encontros deste com Moisés. O Egito, por conta da dureza do coração de Faraó, sofria com pragas terríveis. A cada praga, periodicamente, Moisés oferecia a chance ao Faraó para que este finalmente reconhecesse sua pequenez, se humilhasse diante do Senhor e deixasse os israelitas partirem. Contudo, vemos o coração do líder egípcio cada vez mais endurecido. Eventualmente, a maldade de Faraó atinge um ponto sem retorno e é neste momento que a última praga acontece.

Assim como um Faraó matou os filhos dos Israelitas, Deus decidiu matar os primogênitos dos egípcios. Contudo, Deus provê ao Seu povo um jeito de escapar através do sangue de um cordeiro.

Vemos nas Escrituras um extenso relato de preparação antes que tudo acontecesse. Esse ritual se tornou algo anual para o povo de Israel. Conforme orientação do Senhor, na noite anterior à passagem, os israelitas sacrificaram um cordeiro perfeito e pintaram os umbrais de suas portas com o seu sangue. Quando a praga divina desceu sobre o Egito, as casas cobertas com o sangue foram poupadas de morte.

O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; podereis tomar um cordeiro ou um cabrito; e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde. Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga

da porta, nas casas em que o comerem; naquela noite, comerão a carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão. (Êxodo 12:5-8)

Após a última praga – e a perda de seu primogênito – Faraó é compelido a finalmente libertar os israelitas e o povo escravo faz o seu êxodo do Egito. O sangue do cordeiro livrou o povo de Deus da morte e eles foram libertos de sua opressão.

A Passover (a passagem, a Páscoa) celebra este momento chave na narrativa bíblica onde Deus traz sua justiça sobre o mal humano, mas também mostra sua misericórdia ao prover um substituto.

Desta maneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis à pressa; é a Páscoa do Senhor. Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor. O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito. Este dia vos será por memorial, e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. (Êxodo 12:11-14)

A Páscoa apontava para o futuro, era um símbolo do que (de Quem) ainda haveria de vir: “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

No tempo oportuno, Jesus usou os símbolos da Páscoa e revelou o significado de sua morte. Na resiliência e obediência de Cristo já poderíamos ver o amor de Deus para conosco, agindo com Sua presença em misericórdia e a Sua justiça e juízo sobre os perversos. Aos poucos, nos era revelado o caminho até o Pai. Um caminho eterno e definitivo! Glória a Deus!

Oração: Senhor, nós te louvamos pelas Escrituras Sagradas que nos revelam o Teu amor, poder e fidelidade. Te pedimos sabedoria e coragem para seguirmos tuas instruções até o fim da jornada, celebrando sempre com alegria e gratidão o Cordeiro que tirou nossos pecados e nos salvou. Que Jesus seja tudo em nós. Em nome dEle oramos. Amém.

Dia 6 - Os Profetas e os 400 anos de silêncio

Se você tem alguma Bíblia mais antiga da tradução por Ferreira de Almeida sem comentários teológicos, provavelmente vai se lembrar da página em branco logo após o livro do Profeta Malaquias para em seguida ter o primeiro capítulo do Evangelho segundo Mateus. Desde criança aquela página me causava curiosidade, ficava imaginando o que ela significava e o porquê de não haver nada escrito nela. Logicamente eu aprendi mais tarde que se tratava apenas de uma divisória entre o Velho e o Novo Testamento, mas estudando teologia aprendi que podemos, de certa forma, atribuir um significado a essa página em branco.

Antes de falarmos sobre o “significado” da página em branco, precisamos nos lembrar do que já vinha sendo anunciado pelos profetas sobre a vinda de um Messias, um Ungido, Aquele que salvaria o povo de Deus e estabeleceria um Reino Eterno, justo e pacífico, Ele também foi chamado “Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9.6).

A vinda de Cristo foi o evento mais ansiado pelo povo de Israel, especialmente depois dos anos dourados dos reinados de Davi e Salomão, quando a nação experimentou tempos angustiantes de sucessivos governantes que a levaram à perdição e ao desprezo pela Lei do Senhor. Nestes tempos, Deus levantava homens guiados pelo Seu Espírito, os profetas, para pregarem o arrependimento e anunciar sobre o futuro, de maneira que o povo se convertesse de seus maus caminhos e voltasse ao Senhor em obediência à Sua Palavra.

Todavia Deus, que é onisciente, sabia que o pecado seria um grande divisor entre nós e Ele e que não poderíamos vencê-lo sozinho, por isso desde antes da fundação do mundo Ele já tinha um plano para nos arrebatarmos da dominação do pecado que nos fez cegos e surdos para a Sua Palavra. Os profetas anunciaram que chegaria o dia em que receberíamos corações de carne (Ez 36.26) onde seria escrita a Lei do

Senhor (Jr 31.32). O poder do pecado seria dominado por meio do estabelecimento do Reino do Messias e através de seu sacrifício, pois esse era o plano inimaginável de Deus.

Após longos anos de avisos pelos profetas sobre os efeitos da desobediência, a nação de Israel foi levada em cativeiro e dominada por povos que não conheciam a Deus, e logo antes da “página branca” o profeta Malaquias anunciou que o Sol da Justiça iria raiar sobre aqueles que temiam o Senhor e a salvação finalmente chegaria (MI 4.2). Mas os israelitas não compreenderam e não creram nas profecias.

A criação, os exércitos celestiais, as hostes espirituais da maldade, os governos do mundo e toda humanidade estavam prestes a testemunhar o maior evento cósmico desde a fundação do mundo, uma grande e esperada guerra seria travada em uma colina chamada Calvário, com as armas mais improváveis — uma coroa de espinhos, uma cruz, cravos e martelos — e onde o Vencedor deveria morrer para ganhar.

A “página em branco” retrata, então, o chamado período interbíblico ou intertestamentário, conhecido pelos 400 anos de silêncio de Deus, entre a última pregação do profeta Malaquias e o início do ministério do profeta João Batista. Este período é como o fôlego que se toma antes do mergulho, o respirar profundo antes da batalha onde a morte é certa, o momento de solidão em oração antes da agitação do dia.

Agora, mesmo aquela “página em branco” se torna algo significativo para todo cristão, pois nos lembra que o silêncio também é uma resposta de Deus e um chamado à oração, à confiança e à esperança nas suas promessas eternas.

Oração: Pai, que eu possa encontrar descanso nos momentos de silêncio, que eu entenda que o Senhor é soberano e que nada escapa dos seus cuidados, pois quando clamo e não obtenho respostas de Ti, o Teu silêncio é um chamado para que eu confie e permaneça humilde debaixo da Tua vontade. Pai Santo, que diante dos meus anseios, o Teu silêncio seja uma ordem para que o mar revolto dos meus pensamentos seja apaziguado. Em Nome Jesus Cristo. Amém!



Parte II

A Chave



Dia 7 - Emanuel no Cotidiano

A época é de Páscoa, mas gostaria de te trazer à memória o que nos trouxe até ela — o Natal. Em Isaías 7:14 lemos uma bendita promessa que ficaria ainda mais bela no Novo Testamento quando ela gloriosamente é cumprida. À terra a Luz desceu e o Emanuel, “Deus conosco”, veio habitar entre nós. O Deus Filho se tornou homem, e é Jesus, filho de Maria. Que mulher agraciada! Como diz a canção, será que ela sabia que quando beijava as bochechinhas de seu bebezinho, beijava também a face de Deus? Penso que sim, que ela sabia. Seu marido José também, toda vez que colocavam aquele bebezinho para dormir ou enquanto o alimentavam, José e Maria sabiam que estavam diante de seu Criador.

É estranho pensar em Jesus sendo uma criança. O próprio Deus onipotente, aprendendo a ficar em pé e dar seus primeiros passinhos... Pouco se sabe sobre a infância de Jesus, mas é no terceiro evangelho que encontramos um pouco mais sobre ela. Lemos sobre a primeira visita da família dele ao templo e Lucas resume essa época da vida de Jesus com bastante simplicidade: “O menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lucas 2:40 - NVI).

Então como saber o que Jesus fez antes de seu ministério começar?

Jesus teve irmãos, filhos de Maria e José. Ora, sabemos que relacionamentos com irmãos envolvem várias emoções. Jesus teria tido que disputar pelo último pedaço de bolo com seus irmãos? Será que ele perdeu essa disputa por ser o irmão mais velho e ter que deixar o pedaço para os mais novos? Isso mesmo, Jesus era o irmão mais velho, provavelmente Ele teve que ajudar seus pais a ensinar seus irmãos a andar, falar... Conseguem imaginar Jesus empinando pipa e chegando em casa chorando com o joelho ralado?

Jesus Cristo, como todo adolescente, teve que passar pelas mudanças naturais do corpo. Jesus pode ter tido espinhas e sofrido com o incômodo que elas provocam.

Sim, Ele teve que cortar as unhas do pé e aparar a barba. Jesus se cansava durante o dia com os afazeres e dormia igual uma pedra à noite. O homem Deus usava o banheiro. Como carpinteiro, provavelmente Jesus teve que lidar com clientes. Ele pode ter suportado a insatisfação de sua clientela. Jesus teve que obedecer prazos.

Podemos aprender com essas suposições de uma vida cotidiana que Deus se importa com o ordinário. Ele poderia ter enviado seu filho à terra como um homem adulto, mas preferiu O enviar para que nascesse como todos nós, de maneira que pudéssemos acreditar que cada fase de nossa vida é importante para Deus.

Jesus tendo passado por essas fases de uma vida humana comum consegue agora advogar em nosso favor junto ao Pai. Quando pedimos por cura, refrigério, alívio de dores, Jesus sabe como o corpo humano é frágil e impotente diante de tais sofrimentos. Quando uma mãe pede a Deus pelo seu recém-nascido com cólicas, Jesus, ao ter visto sua mãe criar seus irmãos, sabe como essa angústia é sufocante. Quando um pai de família pede por um emprego, Jesus viveu, provavelmente, tempos de poucos clientes na carpintaria e então pode sentir a necessidade de trazer o pão de cada dia à mesa.

Deus assumiu nossa carne e sangue para nos assegurar que sempre estaria conosco. A promessa foi cumprida, temos a alegria de receber sua graça e ter o Espírito dentro de nós. Essa certeza nos traz confiança e consolo durante os problemas e provações. Nosso Deus, que se fez homem prometeu que estaria conosco nos levando em segurança ao nosso eterno descanso.

Oração: Oh Senhor! Foi por amor que nos deste seu Filho para sofrer em nosso lugar. Foi por amor que o Filho se humilhou e fez-se homem para que fosse assassinado, mas ressuscitou no terceiro dia e em amor está ao Seu lado preparando-nos descanso eterno. Grata sou e minha devoção te ofereço. Amém.

Dia 8 - O Véu Rasgado

Uma das minhas matérias preferidas na escola era História, e quando conheci sobre arqueologia bíblica fiquei ainda mais encantada, pois se já é maravilhoso estudarmos a Palavra de Deus, conhecer sobre os contextos históricos da Bíblia é como se pudéssemos viver um pouco naqueles tempos e nossa imaginação, neste caso, é uma grande aliada nessa experiência de visita ao passado.

Em Êxodo 26 temos a descrição do Tabernáculo de Deus e o grande ponto alto deste lugar era o Santo dos Santos, onde ficava a Arca da Aliança que representava a Presença do próprio Deus. Este lugar tão especial ficava separado por um véu que, segundo o historiador Flávio Josefo, tinha a espessura de 12 centímetros. Por causa do seu comprimento e espessura era necessário cavalos puxando dos dois lados para rasgá-lo.

Essa separação é a própria representação do atributo da santidade de Deus, pois Ele é separado e distinto de nós, e por isso O adoramos na beleza da Sua santidade. Ele é três vezes Santo. Se no Éden, homem e mulher foram privados do acesso irrestrito ao Senhor, o véu era uma lembrança de que esse acesso ainda permanecia restrito, as portas foram fechadas e eram bem guardadas, como representava o Santo dos Santos.

A entrada no Santo dos Santos era realizada apenas uma vez ao ano, no Dia da Expição, e pelo sumo sacerdote de Israel após as devidas purificações, por meio do derramamento do sangue de animais e incensos, pelo seu próprio pecado e pelo pecado do povo de Deus. Todas essas figuras e rituais apontavam para uma verdade maior e definitiva que seria cumprida e estabelecida por Cristo.

Jesus, o Filho de Deus, era o Rei prometido que traria o Reino dos Céus aos homens, e para realizar essa reconciliação entre Deus e os homens, ele foi morto à semelhança do animal que foi usado para cobrir a nudez de Adão e Eva, do cordeiro que foi provido no momento em que Abraão oferecia seu filho Isaque

ao Senhor, e dos animais que eram sacrificados no templo para a expiação dos pecados dos homens ao longo de toda a história de Israel. Jesus, o sacrifício perfeito, foi crucificado e verteu seu sangue até à morte por amor daqueles que o Pai o deu, e não somente judeus, mas todos aqueles que nele creem.

O véu também era a própria representação do muro de pecados que foi levantado entre Deus e os homens. Quando Jesus declara na cruz “Está consumado!” e rende seu espírito a Deus, o véu do templo se rasga de alto a baixo (Mt 27.51), sem qualquer contato humano, simbolizando que o Senhor abriu um novo caminho para a Sua Presença (Hb 10.20 e Ef 02.11-22).

Este acontecimento foi perturbador para os judeus da época, mas um grande sinal de esperança para povos, línguas e nações de todos os tempos, pois Cristo encerrou em si mesmo toda e qualquer separação entre o pecador arrependido e Deus, nosso Pai (Jo 14.6).

Agora, por meio do sacrifício de Cristo, podemos chegar com confiança diante de Deus, em oração, certos de que Ele nos ouvirá, pois agora Ele habita em nós por meio do Espírito Santo. Nós somos templos e moradas de Deus, sem véu ou muro que possam nos impedir de chegarmos ao nosso Pai e desfrutarmos da Sua Presença, pois temos um Sumo Sacerdote eterno, amoroso e compassivo que intercede a Deus por nós.

Em Cristo temos o Sumo Sacerdote, o Cordeiro, a Porta Aberta para chegarmos a Deus, Ele é tudo o que temos e é suficiente para nossa salvação. Glória ao Cordeiro de Deus, o Cordeiro Pascal, que tira o pecado do mundo!

Oração: Querido Pai, nós Te louvamos porque desde a fundação do mundo o Senhor proveu um Cordeiro para um único e precioso sacrifício que destruiria definitivamente o muro de pecado que nos separava de Ti. Sempre foi Teu querer que a porta permanecesse aberta aos teus filhos e ainda que o pecado exista em nós, agora podemos derrotá-lo pelo poder do sacrifício e intercessão do Filho. Nós te amamos, Pai, e te adoramos na beleza da Tua santidade derramada em nós por meio do sangue do Teu Filho que nos fez co-herdeiros Teus e do teu Reino. Amém!

Dia 9 - A Melhor Parte

Quando criança eu costumava assistir ao filme da vida de Jesus com meus pais no dia que comemoramos a Páscoa, e lembro que o momento da crucificação era bem emocionante para nós três. Ficávamos em silêncio, observando atentamente cada cena e lágrimas rolavam do nosso rosto vendo o tamanho do sacrifício de Cristo em nosso favor. Passavam-se as cenas, Jesus dizia “está consumado”, e então numa voz cheia de entusiasmo, eu falava: agora vem a melhor parte!

E realmente é!

A ressurreição é o alicerce da fé cristã e deve estar viva em nossos corações. Sem a ressurreição o Evangelho não faria sentido (I Co 15:1-4) nem nossa vida presente teria alegria, pois como viver uma fé eterna que apenas limita a esperança a esta vida? Paulo já dizia que se assim fosse, seríamos os mais infelizes de todos os homens. Mas Cristo destruiu a morte e nisso podemos desfrutar a vida estando prontos a passar pela morte, quando pela fé nos entregamos Àquele que a conquistou. Para além disso, queridas, sem a ressurreição o Consolador divino que trabalha em nossas vidas o fruto do amor, alegria e paz seria uma promessa vazia, pois sem a ressurreição e a ascensão, o Espírito não desceria.

Você já parou para pensar se de fato a ressurreição não tivesse acontecido? Ou melhor, se Jesus tivesse mentido sobre nossa vida futura, como ela cairia em um vazio eterno? Permanecendo morto, tudo que Ele nos prometeu não seria feito, inclusive sua própria volta. Jesus é o nosso passaporte e nosso transporte. Querida, crendo na ressurreição do nosso Salvador, todas as demais situações encontram fundamento e veracidade, seja o perdão dos pecados, a alegria de uma vida com Cristo ou a esperança futura de uma vida onde nem mesmo a morte nos separa da presença de Deus.

No Evangelho segundo Lucas, capítulo 20, temos uma narrativa de uma testemunha ocular que nos traz encorajamento quanto ao poder, majestade e soberania de

Jesus. A ressurreição nos é contada em detalhes preciosos que ardem o coração do crente e trazem desafios aos descrentes.

Maria Madalena, assim como os outros discípulos, não acordou no terceiro dia após a morte de Jesus esperando a ressurreição. Ainda que Jesus tenha falado tanto sobre ela, não lhes ocorreu que aconteceria de fato. Quem removeu a pedra? Onde está o corpo de Jesus? Pedro e João correram e viram os panos do sepultamento intactos. João olhou de relance e Pedro observou cuidadosamente. Ambos atônitos tentando entender o porquê das faixas não estarem rompidas como alguém que veio roubar o corpo ou até mesmo rasgadas pelo Senhor ressurreto. Estavam intactas, como uma borboleta que sai do casulo. O verso 8 é poderoso, eles viram e creram. Os olhos da fé compreenderam sem pestanejar: Jesus ressuscitou!

Logo depois vemos Maria que decide permanecer junto ao túmulo, chorando. Podemos parar aqui e sentir o mesmo que Maria estava sentindo. Tomada de tristeza, não percebeu a presença dos anjos e nem reconheceu Jesus. “Maria”, ele disse. Ela, voltando-se, lhe disse em hebraico, Raboni! (que quer dizer: Mestre!).

Maria abraça Jesus e se lança aos Seus pés a ponto de Jesus pedir-lhe que não o detivesse e fosse logo anunciar aos outros o que ela tinha visto. Maria é a primeira a enxugar suas lágrimas! A primeira testemunha da ressurreição era uma mulher. Talvez essa seja a mensagem de Deus, dizendo: “Essa é uma mensagem da graça e não da lei”. Afinal, de acordo com o costume da época, a mulher não tinha o direito de voz de maneira testemunhal, mas assim Jesus quis que acontecesse. Em seu amor perfeito, Jesus se encontra com uma mulher que anos antes era possessa, mas que nele achou graça e perdão. Agora, Ele a chama pelo nome e manda que ela vá e conte a todos.

Pela manhã do terceiro dia o sepulcro se abriu. A pedra lançada serviu não para que Jesus saísse, mas para que o mundo entrasse e visse o túmulo vazio. Nada venceria o Seu grande amor, nem mesmo a morte. Não era suficiente Jesus apenas morrer na cruz. Ele tinha que ressuscitar dos mortos provando que o Seu pagamento pelos pecados havia sido aceito por Deus. O túmulo vazio foi o recibo que Deus

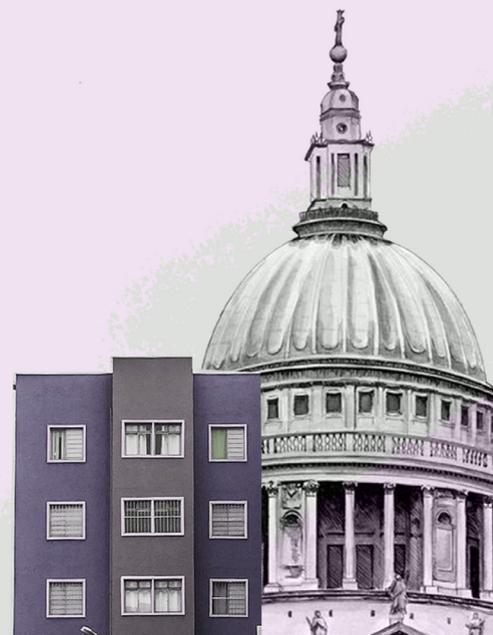
emitiu – o pagamento foi aceito! Que alegria! Essa é a nossa esperança! Nosso Rei, o Cordeiro de Deus, Jesus Cristo vive, e por isso podemos crer no amanhã!

Oração: Senhor, minhas mãos se elevam em gratidão por tamanho amor. Relembrar o significado da ressurreição e o poder dela sobre nossas vidas transforma qualquer pranto em alegria sem fim. Que nesta Páscoa as circunstâncias atuais do mundo não abalem a minha fé naquele que teve vitória sobre a morte, naquele que venceu pra sempre! Em Cristo, meu amado Salvador, nada pode me separar do Teu amor, da Tua presença. Com alegria eu canto o Salmo 24: Abram-se portais para que entre o Rei, Ele é o Rei da glória. O Senhor forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas. Amém.



Parte III

Portas Abertas



Dia 10 - O Rei Está no Trono

O Rei deixou seu trono. No tempo determinado segundo o plano eterno, Deus Filho deixou a glória celestial. Se pudermos tomar a liberdade de imaginar com nossas mentes limitadas, veja o Rei levantando-se do trono e descendo ao mundo criado; veja o Majestoso Juiz despindo-se de glória e tomando a forma de um bebê no ventre de uma pobre jovem judia; veja Aquele por quem tudo se fez tomando a forma de servo; veja o lugar vazio ao lado do Pai. Um dia o Deus Filho deixou seu trono de glória para realizar a grande obra de salvação. Mas, agora, veja... Os portais eternos estão sendo abertos, as portas da glória estão sendo abertas e o céu jubila por quem vê retornar.

A encarnação de Jesus é retratada como seu período de humilhação, uma vez que Deus se fez carne e tomou forma de servo (Fp 2:4-11). A ascensão, por sua vez, marca o início do seu estado de exaltação. Após o cumprimento da missão, o Filho retorna à presença do Pai como vencedor!

A ascensão de Jesus ocorreu em Betânia (Lc 24:50), diante de seus discípulos (At 1:9). Assim como a ressurreição, a ascensão é mais uma prova de que seu sacrifício pelos nossos pecados foi plenamente aceito por Deus. Ele veio, sofreu como um de nós, suportou a ira de Deus em nosso lugar e, em sua ascensão, retornou à presença do Pai.

Jesus voltou aos céus em glória e majestade, mas, agora, em forma humana. A ascensão de Jesus ocorreu em seu corpo físico, não foi apenas o seu espírito que regressou. Neste exato momento o Filho do Homem, o genuíno representante da raça humana, está em corpo físico e glorificado ao lado de Deus Pai.

O regresso de Jesus à presença do Pai, além de marcar o início de sua exaltação como Homem, teve outros motivos:

1. Jesus voltou ao Pai para preparar-nos lugar (Jo 14:2-3), o lugar onde iremos para

sempre habitar em Sua gloriosa presença – aquele que nos abriu o caminho sendo o próprio Caminho está, hoje, preparando nossa morada;

2. Jesus regressou ao Pai para interceder por nós (Hb 4) – ao ascender aos céus Jesus foi tomar lugar como nosso advogado junto ao Pai (1 Jo 2:1), e agora temos diante de Deus um perfeito intercessor;

3. Jesus ascendeu para distribuir dons aos seus servos (Ef 4) - No oriente era comum que o general que voltasse vencedor de uma batalha recebesse do rei riquezas e despojos e, assim, ele distribuía essas dádivas entre os seus soldados. Jesus venceu e por isso recebemos o Espírito Santo e os dons espirituais. Cerca de dez dias depois da ascensão aconteceu o Pentecostes. O Espírito Santo sendo derramado sobre os salvos é prova de que Jesus está à direita do Pai e os dons espirituais da igreja são sinais do Cristo vencedor;

4. A ascensão de Jesus é a certeza de sua segunda vinda (Atos 1:11) – enquanto Jesus era assunto aos céus mais uma vez foi proferida a promessa de sua segunda vinda. Da mesma maneira gloriosa que ele foi à presença do Pai, Ele voltará!

O Deus Filho deixou seu trono e cumpriu cabalmente sua missão - resgatar para si aqueles a quem amou até à morte. Jesus foi assunto aos céus glorificado e vitorioso e hoje reina em majestade e justiça!

Porque Jesus voltou à presença do Pai nós podemos entrar na presença do Pai. Porque Jesus foi assunto aos céus, nós podemos ter segurança de que ele voltará para nos buscar. Porque Jesus voltou aos céus nós podemos orar com confiança sabendo que por nós ele intercede.

Ah, que momento glorioso aquele em que o Filho do Homem voltou à presença do Pai! Ouça a ordem jubilosa que ecoou na glória celestial: “Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da glória entre. Quem é esse Rei da glória? O Senhor dos Exércitos; ele é o Rei da glória!” (Sl 24).

O Senhor dos Exércitos transpôs os portais eternos e voltou vitoriosamente à

presença do Pai. O Rei está no trono!

Oração: Pai, louvado seja o teu nome pela maravilhosa obra de Jesus! Obrigada por nos resgatar, salvar e justificar na pessoa de teu Filho. Obrigada por nos fazer teus filhos amados. Obrigada por nos assegurar que esta oração, assim como todas as outras que fazemos, chega ao teu trono santo. Ansiamos pelo dia em que veremos o Filho retornar assim como Ele subiu aos céus! Maranata! Em nome dele oramos, amém.

Dia 11 - Deus em Nós

Quando eu era mais nova pensava no quão mágico seria andar ao lado de Jesus nas ruas empoeiradas do Oriente Médio. O quão especial seria ver seu rosto, tocar suas vestes, contemplar seus sorrisos e se deliciar ao som de suas risadas. O Deus homem, encarnado, Emanuel, Deus conosco.

Mas conforme eu cresci, compreendi que há algo melhor do que ver Deus ao nosso lado — ter Deus *dentro* de nós. O próprio Jesus disse que seria melhor que ele fosse de volta à destra do Pai para que pudesse enviar o Consolador, o Espírito Santo. Ele declarou isso aos seus discípulos, mas eu não consigo imaginar que eles tenham compreendido. Quando amamos muito alguém, como seus discípulos o amavam, não queremos que ele se vá, mesmo que diga que será melhor para nós.

Por isso, quando Jesus morre e seus discípulos se escondem amedrontados por trás de portões trancados, eu imagino a dor e a confusão. Se ele era mesmo o Messias, como disse ser, e agora? Se ele morreu, o que será de nós? Somos os próximos? Tudo está perdido? Acabou a esperança?

E então Jesus aparece no meio deles. No meio deles fisicamente! Pare para pensar nisso — o morto agora entre eles! Eu imagino o misto de alegria e medo; a surpresa e a descrença. E o que Jesus diz quando aparece no meio deles? “Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio”. E com isso, soprou sobre eles e disse: “Recebam o Espírito Santo” (cf. Jo. 20:21-22).

Note a conexão vital entre as duas afirmações, “eu vos envio” e “recebam o Espírito Santo”. Quando os discípulos recebem o Espírito no dia de Pentecostes eles estão finalmente capacitados, empoderados, a cumprir aquilo que Jesus os tinha ordenado a fazer — ir e pregar. E foi exatamente isso que eles fizeram, e de forma imediata. A Palavra diz que eles começaram a declarar as maravilhas de Deus a todos ao seu redor (cf. At. 2:11).

A promessa do Espírito Santo não foi somente aos apóstolos que caminharam com Jesus. Ele não desceu somente sobre eles. Essa promessa é entregue também a cada discípulo, e discípula, formado desde então pela pregação dos apóstolos. O Espírito Santo de Deus, terceira pessoa da Trindade, habita dentro de nós. Deus em nós. O quão mágico é *isso*? O quão especial? Ah, como somos indignos! Mas toda honra e glória seja para sempre dada ao Cordeiro Pascal que nos prometeu e nos entregou seu Santo Espírito.

Cristo em nós, esperança da glória.

Oração: Pai amado, obrigada por não ter nos deixado órfãos. Obrigada por ter enviado seu Filho ao mundo e após ele enviado seu Espírito aos santos. Obrigada por ter prometido estar conosco para sempre. Para onde correremos nós para nos esconder de Ti? Se formos até o mais profundo abismo ou mais altos céus, lá tu estás. Tua presença é constante conosco, que glória, que honra, que privilégio, que dádiva. Em nome de Cristo, aquele que abriu tua presença a nós com seu sangue, oramos. Amém.

Dia 12 - A Igreja Primitiva

O objetivo do Senhor com as alianças sempre foi reunir, santificar e se relacionar com Seu povo. A vinda de Jesus dá início à Nova Aliança, tornando possível que mais pessoas se achem ao Pai por Seu intermédio. Se antes o Israel de Deus se restringia a um grupo específico em determinada área geográfica, agora compreende indivíduos de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7.9).

A igreja primitiva surge no começo dessa nova era. Foi constituída após a ascensão de Jesus, composta por “judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo dos céus” (At 2.5) que se arrependeram de seus pecados, foram cheios do Espírito Santo e passaram a viver em comunidade. As diferenças culturais e sociais existiam, mas não os separavam — Cristo os uniu de tal forma que viviam como um só corpo: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum” (At 4.32).

A presença do Senhor no meio do Seu povo transforma o modo de viver e de tratar o próximo. Os irmãos tiveram sua mente renovada pelos ensinamentos de Cristo e conduziam suas vidas como se Ele fosse voltar para buscá-los em breve. Por isso, não eram apegados às suas propriedades e bens, vendiam-nos e distribuíam à medida que alguém precisasse. Nenhum necessitado havia entre eles. Aqueles cristãos entenderam que todos eram parte da mesma família e não deveria haver diferença entre os membros, pois o que afetava um, afetava todos.

A presença do Senhor no meio da igreja primitiva levou-a a perseverar na doutrina dos apóstolos, frequentando diariamente o templo (At 2.42,46). Eles queriam conhecer cada vez mais Aquele que os havia resgatado e dado uma nova vida. Eles se aplicavam a saber mais acerca dos ensinamentos de Jesus para imitá-Lo e fazer Sua vontade. Tanto o fizeram que posteriormente, como relata Atos 11.26, foram chamados de “cristãos” — aqueles que pertencem a Cristo ou Lhe seguem.

A presença do Senhor fez com que os Seus proclamassem a todos quem Ele é e o que fez. Mesmo diante de autoridades hostis, prisões iminentes e até risco de morte, oravam, não por livramento, mas por coragem e ousadia para anunciarem a palavra de Deus. As boas notícias eram maravilhosas demais para se restringirem a um grupo. Compreenderam que a salvação não se destinava apenas a eles, os judeus, mas que os eleitos estavam espalhados por toda a terra. Quanto mais eram perseguidos, mais o evangelho era propagado.

Os primeiros cristãos desfrutaram de uma nova etapa da aliança, de um relacionamento mais próximo e direto com o Senhor, mas ainda ansiavam pelo dia em que encontrariam Jesus face a face. Estavam sempre em alegre comunhão, louvando ao Pai, mesmo em meio a dificuldades. Viviam aqui com vistas à eternidade, abnegados, desprendidos e olhando com compaixão o seu próximo.

A igreja primitiva nos lembra que, uma vez estando sob a Nova Aliança, temos um modo de vida a seguir enquanto desfrutamos das bênçãos asseguradas por Jesus. Ela nos ensina sobre o que o Senhor requer e o que pode fazer através de nós hoje, onde estamos, porque “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (Hb 13.8).

Oração: Querido Pai, obrigada por me ensinar a respeito da vida cristã através dos meus irmãos da igreja primitiva. Tua presença transforma meu modo de agir para Contigo e com meu irmão, me ajuda a estabelecer prioridades e, principalmente, me faz querer proclamar esse evangelho poderoso a toda criatura. Que eu não seja achada em falta e que não deixe de desfrutar plenamente de todas as bênçãos decorrentes da Nova Aliança. Eu oro em nome de Cristo, meu Redentor. Amém.

Dia 13 - Já mas Ainda Não

Quando Cristo morreu, Ele levou sobre si todos os nossos pecados, medos, temores. Levou sobre seu corpo nossas enfermidades e esmagou o poder que o pecado tinha sobre nós. Quando Cristo ressuscitou, nos trouxe uma fiel esperança, nos abriu um caminho para o Pai, e seu sangue derramado nos redimiou de forma eficaz – temos Nele uma nova vida! Uma vez que a morte e o poder do pecado foram vencidos de uma vez por todas e eternamente estamos seguras nele, experimentamos o “já, mas ainda não.”

Sim, pela morte de Cristo já fomos libertas e remidas, pela morte de Cristo já recebemos uma nova vida, novas vestes e nova identidade. Fomos libertas da escravidão do pecado. Recebemos, pela graça, o Espírito de Deus sobre nossa vida. Não mais o pecado, mas agora o próprio Deus nos governa e vive em nós.

A santificação inicial se deu quando Cristo nos salvou, perdoou, justificou e nos deu entendimento de Sua obra na cruz. Mas isso não é tudo na vida cristã. Isso é o que podemos chamar de “já”. Já estamos em Cristo – o Espírito vive em nós. cremos na promessa que o Messias já revelado, voltará para buscar sua igreja. Podemos imaginar a grande cena das Bodas do Cordeiro – Cristo, nosso amado Noivo, glorificando de uma vez por toda sua noiva, a Igreja.

Mas até que isso aconteça, vivemos o “ainda não”. Ainda não fomos de uma vez por todas glorificadas. Ainda vivemos num mundo caído, maculado pelo pecado e gemendo as dores de parto enquanto aguarda ansiosamente a redenção final. Embora já tenhamos o próprio Deus vivendo e atuando em nós, ainda não experimentamos completamente desta gloriosa presença.

Haverá um dia, querida amiga, que nossa santificação e glorificação serão completas. Neste dia, experimentaremos profundamente, de forma inimaginável a doce presença de nosso Senhor. Ele em nós, nós Nele, final e eternamente. Aqui, deste lado da eternidade, experimentamos as dores do pecado, lidas, medos,

pesares, tentações de todos os tipos, luto e enfermidades. Aqui, deste lado da eternidade, ansiamos pelo dia em que veremos a face de Cristo. Aqui, deste lado da eternidade, todas as coisas apontam para uma realidade mais profunda: já, mas ainda não.

Dia após dia, pelo poder do Espírito, somos transformadas e moldadas à imagem de Cristo, somos santificadas e preparadas para o grande dia, aquele para o qual fomos criadas, o dia que o “ainda não” se transformará em “já”.

Pela fé, podemos abraçar tudo o que Deus é, tudo o que Cristo fez e viver de forma intencional nossa santificação. Podemos viver para a glória de Deus e refletir sua luz em um mundo que jaz em trevas. Pela fé, vivemos em santidade e em tudo damos louvor a Deus, crescendo Nele cada dia mais pelo poder da sua presença que habita em nós. Não podemos nos esquecer: o Espírito Santo é Deus. É Deus vivendo e atuando em nós. Não um Deus de menor importância, mas Deus completamente – único, verdadeiro e poderoso para completar sua obra em nós até o dia de Cristo voltar. Pela fé, vivemos o “já” – nossa salvação irrevogável pela obra de Cristo, mas ao mesmo tempo nos lembramos que “ainda não”.

Pensar que ainda não, deve criar em nosso coração um profundo clamor apaixonado, mas contrito, de uma noiva que anseia ser redimida, resgatada e liberta para sempre pelo verdadeiro Noivo que há de vir. Haverá um dia que nossa santificação será completa, e viveremos eternamente com Aquele que é Santo, Santo, Santo – livres de uma vez por todas para amá-Lo e contemplá-Lo, sem mácula do pecado, mas com vestes mais alvas que a neve.

Já, mas ainda não.

Oração: Senhor Deus, oramos a Ti e clamamos, nos lembrando daquele grande dia em que finalmente seremos santificadas e glorificadas em Ti. Ensina-nos, Senhor, a viver nosso “já” deste lado da eternidade, vivendo no Espírito e crescendo à imagem de Cristo, mas nos lembrando que ainda não, e clamando por Sua tão esperada volta. Somos tuas, para sempre. Ansiamos e aguardamos Aquele que há de vir e restaurar de uma vez por todas, todas as coisas. Amém.

Dia 14 - Em Casa, Finalmente

O homem foi criado por Deus e posto em um jardim onde era possível encontrar tudo o que ele precisava, inclusive e principalmente, o próprio Deus. No entanto, como vimos, pecamos e fomos expulsos do jardim. Pecado, dor, maldição, morte... Portas fechadas.

Até aqui meditamos sobre a gloriosa obra de salvação. Sobre como, desde o Éden, a promessa do Salvador foi feita, sobre o Deus de aliança e a esperança de redenção. A humanidade ansiava pelo cumprimento das promessas. Esperança, misericórdia, profecias... Mas, ainda, portas fechadas.

Então, Ele veio. Promessas cumpridas, Deus encarnado, véu rasgado, cruz e ressurreição. Jesus, a chave! Jesus abriu-nos as portas antes fechadas à presença do Pai; por Sua morte e ressurreição, transformou-nos de inimigos em amigos de Deus. Está consumado.

Jesus pagou o preço para podermos entrar na presença de Deus como filhos! Mas, ainda restam promessas, a Grande História ainda não terminou. O mesmo Jesus prometido voltará em glória e majestade para nos buscar e nos levar para o Lar (Jo 14:2-3). Um novo lar nos espera, uma nova vida, uma nova cidade, uma Nova Jerusalém.

Naquele dia, o Grande Rei, o Senhor dos Senhores, declarará a sua vitória sobre os seus inimigos e o seu triunfo será completo. Ele tomará o Livro da Vida e julgará as nações porque é digno, porque morreu e comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9).

Enquanto vivemos neste mundo sofremos diariamente as consequências do pecado. Mas, para aqueles que são salvos por Jesus, as torrentes de dor e lágrimas só nos acompanham até a sepultura. Quando morremos aqui, temos vida, enfim! Quando Jesus voltar em glória e poder, e formos levados à presença de Deus, não

haverá mais morte, dor ou lágrimas (Ap 12:4). O peso da luta contra o pecado cessará, pois lá não haverá pecado e, como bem disse Richard Baxter em “O descanso eterno dos santos”, “quando a causa desaparece o efeito cessa”. Naquele dia, nossa alma descansará plenamente Nele.

Dentre todas as belezas das quais desfrutaremos na Nova Jerusalém, uma se sobrepõe às demais por ser a origem de todas as dádivas da vida porvir: nós estaremos plenamente na presença de Deus! Veremos Deus face a face! Se o que vemos e ouvimos hoje através das Escrituras sobre Deus e sua beleza já nos enche de paz e alegria, imagine como será quando O virmos face a face!

Nossos braços, que outrora abraçaram o pecado, envolverão o Salvador em um doce abraço. Nossos olhos, que outrora foram trevas, brilharão ao contemplar a face de Jesus. Nossos ouvidos, que outrora se fecharam para Deus, escutarão Sua doce voz nos chamar pelo nome. Nossa boca, que outrora proferiu palavras vãs, entoará em alta voz: “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 5:13).

Somos peregrinos nesta terra, mas, naquele dia glorioso, quando entrarmos no descanso prometido, nossas almas repousarão, nossos sentimentos e afeições serão santificados, nossos corações serão arrebatados por tamanha alegria e comunhão. Ali, na Nova Jerusalém, na presença do Pai, estaremos em casa.

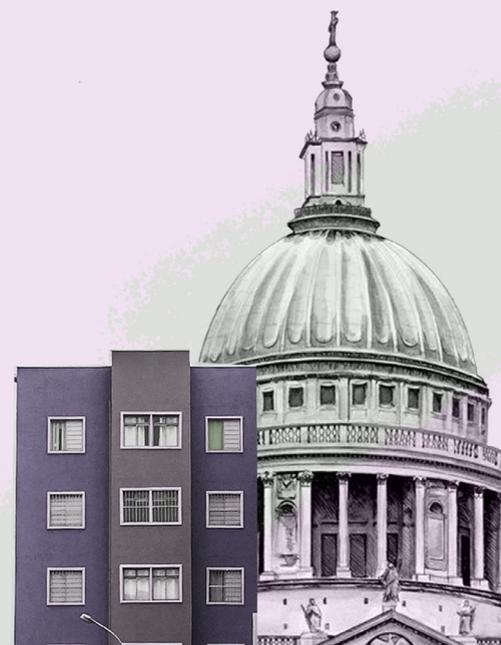
Oração: Pai, louvamos o teu nome pela grandiosa obra de salvação que foi feita. Ah, Senhor, onde estaríamos se não fosse a tua graça? Onde estaríamos se não fosse o teu amor? Ajuda-nos a viver como peregrinos nesta terra. Coloca os nossos olhos na eternidade. Pai, pedimos que os nossos corações anseiem pela Nova Jerusalém e a plenitude de estar em tua presença mais do que qualquer coisa nesta terra. Pedimos que esse seja nosso foco nessa Páscoa! Em nome de Jesus, amém.



Desejamos a todos uma
Feliz Páscoa!

“Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele
que crê em mim, ainda que morra,
viverá; e quem vive e crê em mim, não
morrerá eternamente. *Você crê nisso?*”

— Jesus Cristo



Conheça nosso ministério:
gracaemflor.com

Instagram e Facebook:
/gracaemflor

Youtube:
/francineverissimo

*Graca
em Flor*